



**PLANEJAMENTO E GESTÃO DE GEOPARQUES: UMA ENTREVISTA COM
ÁNHEL BELMONTE RIBAS, DIRETOR CIENTÍFICO DO GEOPARK
SOBRARBE-PIRINEOS (ESPANHA)**

Suedio Alves Meira,
Programa de Pós-Graduação em Geografia
Universidade Federal do Ceara (UFC)
entrevista **Ánchel Belmonte Ribas**

O último século tem sido caracterizado por diversas crises do sistema capitalista. Períodos marcados pelo decréscimo econômico, do poder de consumo e da qualidade de vida, coabitam com uma permanente crise no âmbito ambiental. O exacerbado uso dos bens e de serviços prestados pela natureza resulta, em todo o globo, em sinais de esgotamento dos recursos ambientais. Esse contexto de crise desperta uma busca, no âmbito das Ciências, por novas formas de planejar e gerir o espaço, resultando em um esforço em conservar “paisagens naturais” para as futuras gerações.

Estratégias de conservação tradicionais, como as áreas protegidas, ganham notoriedade em diversos países. As áreas protegidas apresentam como pressuposto, em diversas das suas tipologias, o distanciamento do homem e a natureza, fortalecendo o mito da natureza intocada (DIEGUES, 2008). Entretanto, o pensamento conservacionista tem evoluído e nesse processo as novas vertentes passam a entender o homem enquanto agente fundamental na manutenção da qualidade ambiental.

Ações educativas e de mantimento dos conhecimentos de populações tradicionais ganham destaques nesse novo momento. Figuras de conservação não restritivas, mas sim, pautadas na gestão integrada do território em suas vertentes ambientais e culturais passam a ser o mote das estratégias de conservação. Dentre os diversos órgãos internacionais que tratam sobre o assunto a UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) recebe notoriedade, mediante a efetivação e divulgação de figuras de conservação não restritivas como as Reservas da Biosfera, os Patrimônios Mundiais da Humanidade e, mais recentemente, com o seu Programa de Geoparks Globais.

É válido salientar que os geoparks não nasceram enquanto uma figura da UNESCO, mas sim, enquanto uma estratégia de gestão territorial no ano 2000, por meio da criação da Rede Europeia de Geoparques. Essa rede configurava uma troca de experiências entre quatro territórios europeus (Reserva Geológica de Haute-Provence, França; a Floresta Petrificada de Lesvos, Grécia; o Geoparque Vulkanifel, Alemanha; e o Geoparque do Maestrazgo, Espanha) com potencialidades naturais oriundas de geodiversidade espetacular, mas com problemas de caráter socioeconômicos. Os geoparques apresentam assim, desde a sua gênese, um caráter integrador dispondo enquanto pilares a conservação ambiental, o incentivo a atividades educativas e a dinamização econômica, sendo o geoturismo uma das mais utilizadas. Os geoparques se diferenciam de outras figuras de conservação porque dispõem de um “patrimônio geológico de importância internacional, grande relevância científica, raridade e relevância estética ou educativa, que representa, portanto, um importante patrimônio histórico, cultural e natural” (MODICA, 2009, p. 18), sendo esse patrimônio o alicerce para o desenvolvimento sustentável. Durante a 38ª Conferência Geral da UNESCO, realizada em 2015, os estados membros da organização aprovaram o Programa *UNESCO Global Geoparks*, e os geoparques mundiais passaram a ter um programa específico da organização, dispondo de suporte direto da mesma. A presente entrevista¹ ao Professor Ánchel Belmonte Ribas foi realizada em meio ao território do Geopark Sobrarbe-Pirineos, a um dos geoparques integrantes da rede Global.

O Geopark Sobrarbe-Pirineos pertence a Rede Europeia de Geoparks e a Rede Global de Geoparks desde setembro de 2006, dispõe de um território de 2.202 km², englobando toda a Comarca de Sobrarbe, localizada na província de Huesca, noroeste da Espanha. O Geopark Sobrarbe-Pirineos está localizado na cadeia de montanhas dos Pirineos, apresentando uma diversidade de locais de interesse geológico caráter geomorfológico, tectônico, paleontológico, sedimentar, estratigráfico e petrológico. A área também conta com particularidades arqueológicas e culturais resultantes do modo de vida pirenaico, existência de pinturas rupestres e de um rico patrimônio arquitetônico espalhado em suas diversas vilas.

O entrevistado Ánchel Belmonte Ribas (ABR) é licenciado em Geologia pela Universidade Complutense de Madrid (1997) e Doutor em Geologia pela Universidade de Zaragoza (2014). Ocupa desde 2009 o posto de Coordenador Científico do Geopark Sobrarbe-Pirineos, sendo que desde de 2016 em regime de dedicação exclusiva. Apresenta experiência em ensino secundário e universitário. É coautor de mais de uma dezena de livros e capítulos de livros sobre temáticas geológicas e em educação, bem como de dezenas de artigos em revistas científicas e

de divulgação sobre geologia, principalmente sobre o Períneo. É membro do grupo de avaliadores do Programa Internacional de Geoparques da UNESCO e representante do Departamento de Educação, Cultura e Esporte do Governo de Aragão no Patronato do Geoparque Mundial da UNESCO Sobrarbe-Pirineos desde 2006

A presente entrevista, com base na grande experiência que o Professor Ánchel Belmonte Ribas apresenta no âmbito do planejamento e da gestão de geoparques, teve como objetivo extrair conhecimentos práticos nessas áreas. Entender quais os pilares do planejamento nesses territórios, qual a importância do planejamento em cada etapa de uma estratégia de geoconservação e, especialmente, como os geoparques aspirantes brasileiros podem se munir de estratégias que resultem na melhoria da gestão de suas práticas de conservação ambiental e desenvolvimento socioeconômico.

Para o senhor, quais são os pilares do planejamento e da gestão de um Geoparque?

ABR – Para mim existem quatro pilares no planejamento e na construção das atividades posteriores de um geoparque. Primeiro a *investigação*, a qual resulta no conhecimento geológico do território. Ter um bom inventário do patrimônio geológico e, portanto, boas medidas de geoconservação. Um segundo pilar é a *educação*, sendo que essa deve ser para todos os níveis educativos, desde das crianças, dos mais pequenos, até a educação universitária. Um terceiro é a *divulgação*, ou seja, chegar a todos os públicos, ao público em geral. Não só aos visitantes, mas também as pessoas que vivem no geoparque, essas pessoas têm que ser possuidoras dos conhecimentos existentes sobre o seu próprio território. Por último, um quarto pilar é o *desenvolvimento econômico sustentável*. O *geoturismo é uma possibilidade, mas não é a única possibilidade*. O apoio aos agricultores e produtores locais, a comercialização de seus produtos, etc., também são um labor que um geoparque pode desempenhar.

Na sua opinião, enquanto avaliador de propostas da Rede Global de Geoparks da UNESCOⁱⁱ, quais são os critérios fundamentais que devem existir em um geoparque, especialmente quanto à sua estruturação e consolidação?

ABR – Realmente esses critérios já estão especificados no programa da UNESCO, sendo os mesmos apresentados de forma clara, concisa e nada muito ampla. Há uma série de requisitos. Para mim, como geólogo, sempre peço um geoparque que tenha uma *geologia espetacular*, ou seja, que o geoparque tenha uma geologia verdadeiramente importante, porque isso é o que diferencia os geoparques de outras coisas como os Parques Nacionais ou Naturais, as Reservas da Biosfera, ou demais figuras em que a geologia pode ser importante ou não. Em um geoparque

[a geologia] sempre tem que ser importante! E quanto melhor e mais espetacular seja a geologia em seu território, mais atividades serão realizadas, poderá se conectar melhor com o geoturismo ou com a educação. Em definitivo o recurso geológico é sobre o que deve pivotar o restante das atividades de um geoparque, portanto, me parece um requisito essencial. Certamente, outros pontos são a participação da população local, o geoparque enquanto uma colaboração ao desenvolvimento econômico do território, na melhoria da educação, etc., etc. Para mim, é essencial a geologia e logo, evidentemente, uma estrutura de gestão clara e eficaz. Tanto de gestão administrativa como de gestão científica.

Enquanto responsável científico, qual sua opinião quanto ao papel do inventário dos Locais de Interesse Geológico (ou, geossítios) no contexto de um geoparque? E como é realizado o monitoramento desse inventário no âmbito do Geopark Sobrarbe-Pirineos?

ABR – No caso do nosso Geopark, e no caso de qualquer geoparque, o inventário dos locais de interesse geológico é um *documento essencial*, porque é ele que te diz quais recursos estão presentes desde o ponto de vista da geologia para dinamizar o resto das atividades. Nós [Geopark Sobrarbe-Pirineos] fizemos o inventário seguindo a metodologia do inventário espanhol de locais de interesse geológico, por uma questão de utilizar uma metodologia científica contrastada e que, conseqüentemente, implicaria em uma avaliação quantitativa de cada lugar de interesse geológico. A partir desse documento, desse inventário, se desenvolve o *plano de geoconservação*, detectando quais desses lugares de interesse geológico apresentam algum tipo de risco, quais não devem ser levados ao público, e quais servem para atividades científicas, educativas ou turísticas. Quer dizer, é um documento que atesta as potencialidades das distintas partes do seu território. Por tanto, é um documento essencial. Há muitas metodologias para realizar esses inventários, nós elegemos uma que é muito complexa, mas que também nos permite contrastar os resultados com o inventário espanhol de lugares de interesse geológico. Quanto ao monitoramento, estamos continuamente no território, portanto sabemos mais ou menos em qual estado se encontra cada local de interesse geológico e logo temos aqueles que estão em espaços protegidos, tanto no parque nacional como nos parques naturais, sendo assim, dispõem de um pessoal próprio, os quais se observam algum problema nos indica. E a melhor coisa que temos é levar treze anos conscientizando a população local de onde estão e porque são importantes esses elementos, de maneira que muitas vezes é a própria *participação cidadã* que nos alerta de possíveis projetos que, eventualmente, poderá deteriorar algum local de interesse geológico. Por outro lado, nós estamos a ponto de iniciar uma revisão profunda de todo o inventário, objetivando fazer uma análise mais detalhada desse inventário,

do estado de conservação dos diferentes lugares e ver se temos de retirar algum do inventário ou se podemos adicionar mais.

Como o senhor enxerga o papel do geoturismo para o sucesso de um Geopark? Como essa atividade é pensada no contexto do Geopark Sobrarbe-Pirineos?

ABR – O geoturismo é importante para qualquer geoparque, porque é uma maneira muito direta de conectar o patrimônio geológico a um benefício econômico para os habitantes do território. Porém, nem em todos os territórios, nem em todos os geoparques, o geoturismo tem o mesmo peso. Há lugares que têm a capacidade de receber um maior número de visitante e há lugares mais frágeis, onde esse número de visitantes, por força, a de ser menor, e, portanto, também será menor o impacto econômico que a atividade [geoturística] terá sobre o território. De maneira que na hora de pensar em como um geoparque há de participar no desenvolvimento econômico sustentável, verdadeiramente sustentável, do território, o geoturismo é uma opção, mas não é a única opção. Creio que cada território tem que explorar suas potencialidades e suas necessidades, valorando muito bem qual é o perfil de turista que quer e o volume de turismo que quer, tendo em conta o que seu território pode suportar. No Geopark Sobrarbe-Pirineos, pela existência de todas as figuras da UNESCO, pela não existência de estações de esqui e pela boa manutenção do patrimônio cultural e natural, observamos que a tendência natural, antes incluso da existência do geoparque, era de atrair um turismo de qualidade ligado a natureza, ligado a arte, ligado a valorização do mundo rural dos Pirineos. Não existem infraestruturas e não existem campanhas para trazer turismos de massas, uma vez que tudo está focado em turistas que são capazes de valorizar os encantos desse lugar. Um local que não dispõe de grandes hotéis ou resorts, mas que dispõe de uma oferta [turística] ligada ao patrimônio e a apreciação desse patrimônio.

Qual o papel das atividades educativas no sucesso de um geoparque? Quais são os públicos e as estratégias aplicadas no âmbito do Geopark Sobrarbe-Pirineos?

ABR – Eu sou professor, portanto, creio firmemente que as atividades educativas são básicas, não só em um geoparque, mas sobretudo em um geoparque. E são por muitas razões. O primeiro, confere ao trabalho com os estudantes do próprio território para que conheçam melhor quais são os valores de seu geoparque, aumentando a sua identificação e o seu sentimento de pertencimento ao território através do conhecimento. Mas, também, é muito importante atrair centros educativos de fora, que venham a conhecer o território que é uma “aula ao ar livre”, uma aula excepcional. No caso do Geopark Sobrarbe-Pirineos há uma infinidade de processos

geológicos que podem ser estudados de locais facilmente acessíveis, assim, um dia de aula no campo te dá um rendimento muito maior que vários dias de aulas dentro da escola. Por outro lado, trazer estudantes com os seus professores também faz com que esses voltem com as suas famílias, que dizer, essa também é a gênese, a base, de um geoturismo de qualidade que pode ser produzido posteriormente. Nós [Geopark de Sobrarbe-Pirineos] temos vários projetos educativos, várias linhas de trabalho, mas, o que mais gostamos são, principalmente, as atividades fora da classe, são os itinerários geológicos educativos sobre o terreno. Salienta-se que também realizamos todo tipo de palestras dentro de centros educativos presentes no Geopark, como em outros centros educativos no resto da provínciaⁱⁱⁱ que nos solicitam. Temos uma pequena rede de itinerários educativos que estão disponíveis na internet para que os professores possam aceder gratuitamente ao material e fazemos também projetos educativos desenhados a medida, em função, dos interesses específicos de colégios ou institutos que nos consultam.

Como a população deve ser inserida no planejamento e qual o seu papel ações em prol da geoconservação? Poderia elencar algumas experiências realizadas no Geopark Sobrarbe-Pirineos?

ABR – Em termos gerais é essencial envolver a população local em qualquer aspecto que tenha relação com o geoparque. Trabalhar com distintos setores sociais, abarcando desde o ponto de vista econômico, como a visão dos coletivos de professores, etc. *A geoconservação, no contexto de um geoparque, não se pode levar a cabo sem contar com a população local* e a maneira de conseguir uma participação da população local, em minha opinião, é através do conhecimento. Há que explicar às pessoas porque a paisagem que eles vivem é valiosa, uma vez que a população entende isso, ela será a primeira interessada em conservar e proteger o meio ambiente. Nós [Geopark Sobrarbe-Pirineos] realizamos inúmeras atividades ao decorrer do ano, tanto sobre o terreno, como palestras, cursos e conferências para tratar de comunicar esse valor especial que a geologia de Sobrarbe apresenta. Também dispomos de uma campanha concreta de geoconservação dirigida uma parte à pesquisadores e uma outra à população geral, em que inclui todos os habitantes do Geopark. São comunicadas pautas e concelhos simples, sobre como se comportar na natureza sem ocasionar dano ao meio geológico e *não é só dizer o que não devem fazer, mas sim os porquês não devem fazer*. Não é simplesmente impor uma obrigação, sem conseguir que as pessoas compreendam qual é a razão de não ser permitido determinadas ações. Quando as pessoas entendem, a maior parte, de maneira natural, as

cumprem. Mas se você impõe uma norma sem explica-la, seguramente as pessoas não a cumpriram.

Como gerir um Geopark que apresenta seu território em consonância com áreas protegidas e outras figuras de conservação da UNESCO? Como dialogar com os diferentes órgãos gestores e superar as limitações?

ABR – Em Sobrarbe^{iv} convivem as três figuras da UNESCO. Há dois patrimônios mundiais^v, um Geopark e uma reserva da biosfera, junto também há um Parque Nacional e dois Parques Naturais. É essencial o diálogo entre as pessoas, cada uma dessas figuras que mencionei tem objetivos diferentes, dispõem de normativas diferentes. Portanto, em princípio, não teria que haver nenhum problema na sobreposição dessas figuras, porque cada uma tem sua *função específica sobre o território*. Para mim, o fato de haver um parque nacional e dois parques naturais coincidentes com parte do território do Geopark é uma coisa muito positiva, porque de entrada nesses três espaços naturais protegidos me asseguro que o patrimônio geológico esteja protegido por lei, o que me diminui o trabalho e facilita um dos meus labores que é a geoconservação. *Os geoparques têm muito que contribuir aos espaços naturais protegidos porque dispõem de um conhecimento geológico*, geralmente, muito mais profundo que os gestores dos espaços naturais protegidos. Assim, há um benefício mútuo no intercâmbio permanente de informação e também na hora de organizar atividades de maneira conjunta e etc. Com o resto de figuras da Unesco, que não são estritamente figuras de proteção, ainda que procurem a proteção de seus valores, é o mesmo, o diálogo constante entre os gestores de umas e outras figuras e a complementariedade de suas ações é o que facilita que ocorra um entendimento, que todos somem para conseguir uma melhor conservação do território e um melhor aproveitamento do território.

Com a sua experiência em planejamento e gestão, qual a importância da valorização no âmbito da geoconservação? Quais estratégias foram pensadas para o Geopark Sobrarbe-Pirineos? E porquê?

ABR – É evidente que de alguma maneira *havemos de comunicar a população a existência e o valor dos lugares de interesse geológico* ou outros elementos geológicos de interesses que não tem porque estar inventariados como patrimônio. A dificuldade é como fazê-lo, sobretudo, como fazê-lo em um território, como Sobrarbe, onde há uma diversidade desses lugares, e em lugares onde os valores naturais, ou, mesmo em espaços onde a qualidade da paisagem é muito grande e não suportaria de maneira adequada a presença de infraestruturas informativas. Como fazer não é nada fácil, os painéis são, geralmente, os recursos mais utilizados. Entretanto em

lugares como os Pirineus [espanhol] sobram painéis, nossa ideia consiste em uma “painelização” mínima, uma presença mínima de painéis no território. Sendo que, sempre que possível, instalados em lugares onde já há uma deterioração da paisagem por infraestruturas antrópicas como em povoados, estacionamentos. Buscamos compensar a escassez de painéis com outras medidas, por exemplo, informações em nossa página web, em redes sociais, e sobretudo organizando muitas atividades que levem as pessoas diretamente aos lugares. E que *in situ*, seja por meio de cursos, excursões guiadas, palestras, explica-lhes quais são os valores desses elementos. É necessário favorecer também que hajam publicações, mapas, livros, guias, como a nossa rede de trinta “georotas”, ou seja, utilizar todo esse arsenal de recursos distinto ao invés da existência de painéis físicos sobre o terreno.

Para o senhor qual a importância da divulgação no âmbito de um geoparque? Quais estratégias foram pensadas para o Geopark Sobrarbe-Pirineos?

ABR – Para a divulgação nós [Geopark Sobrarbe-Pirineos] temos estruturada em uma oferta de atividades e/ou estruturas fixas que não necessitam de nenhum acompanhamento, se não que uma pessoa as descubram por meio de internet e logo ir de maneira autônoma a vê-las sobre o terreno. A mais aberta para todos os públicos, a menos exigente, é uma “georota” que se realiza em carro e que cobre treze pontos, com treze painéis adjacentes a rodovias que cortam toda a comarca [Sobrarbe]. Há treze trilhas/caminhos em bicicleta de montanha, com interpretação geológica, e há ainda trinta “georotas” a pé. Cada atividade dispõe de materiais específicos, todos eles passíveis de serem descarregados desde a nossa página web de maneira gratuita, ou mesmo, descarregando por meio de um QR Code^{vi} presente nos pequenos painéis que marcam os inícios das rotas. Adicionalmente a essas ações que estão sobre o terreno e que todos as pessoas, por sua conta, podem fazer, temos toda uma oferta de atividades que realizamos no decorrer do ano e que também são dirigidas a públicos muito variados. Desde um público familiar, como as saídas do projeto Outono Geológico, até um público médio, como no Seminário do Geopark, à um público específico como a Travessia Geológica de Alta Montanha, que realizamos no primeiro fim de semana de setembro todos os anos. Entre umas coisas e outras, *a ideia que temos é de alcançar o maior número de pessoas possíveis, comunicando a mensagem dos valores geológicos do território.*

Quais perspectivas, potencialidades e desafios que o senhor enxerga para a consolidação e ampliação dos Geoparks enquanto figura estratégica de planejamento e conservação ambiental?

ABR – Para mim *o grande desafio que os Geoparks Unesco têm é sair da Europa, sair de uma parte da Ásia* e colonizar verdadeiramente a América do Norte, a América do Sul e a África. O conceito de geoparque é muito elástico e permite que se adapte a diferentes realidades territoriais, mas não podemos simplesmente valorar os geoparques desde um ponto de vista europeu, ou, desde um ponto de vista chinês. Cada território há de busca uma aplicação própria do conceito de geoparque, certamente, todos terão que cumprir umas normas mínimas, oferecer uma imagem comum e uma série de questões comuns. Não é normal que continentes como o sul-americano ou todas as américas, com toda a riqueza geológica que dispõem e com o grande papel que um geoparque pode contribuir ao desenvolvimento territorial, não é normal que esses territórios tenham tão poucos geoparques. *Algo está passando, algo estamos fazendo mal, e somos todos*, para que todo o continente americano de norte a sul tenha tão poucos geoparques até agora, mesmo que seu número seja crescente. A África é uma realidade distinta, tem seus próprios problemas e, seguramente, chegará a hora em que o desenvolvimento dos geoparques se efetivará, ainda que em um ritmo mais lento. Mas, para mim esse é o grande desafio dos geoparques, ou seja, a figura dos geoparques deixar de estar tão concentrado na Europa e em Ásia, especialmente em China, e se estender de maneira homogênea por aqueles lugares que mereçam tê-lo.

Que caminhos devem ser seguidos pelo Brasil para a efetivação de novos Geoparks juntos a Rede Mundial da UNESCO? Quais estratégias aplicadas em Sobrarbe podem ser replicados pelos Geoparks aspirantes no Brasil?

ABR – Ojalá^{vii} eu tivesse a resposta para a primeira parte da pergunta, mas não a tenho. Tive a sorte de estar trabalhando um par de vezes no Brasil em 2011 e 2018. Tenho muitos colegas no Brasil, tanto em universidades como no Serviço Geológico, que trabalham em patrimônio geológico e dispõem de um nível impressionante. Quando me convidam a participar em cursos ou em conferências no Brasil ou no Chile, por exemplo, faz tempo que lhes digo que “se vocês querem eu vou, mas eu não tenho nada que ensinar, ao contrário, vou aprender”. Então, *em términos de patrimônio geológico e geoconservação, ao menos em termos teóricos, eu creio que o Brasil tem um nível espetacular, um nível muito alto*. O único que falta é conseguir aplicar isso à gestão dos territórios. *Para que um geoparque funcione não necessitamos apenas de um conhecimento científico ou uma gestão científica, mas também de uma gestão administrativa*. Creio que a participação dos políticos, que os políticos entendam o que é um geoparque, que benefícios podem levar para o território, não só para a conservação do meio natural ou do meio geológico, se não, sobretudo, para melhorar as condições de vida dos cidadãos. No momento

que os políticos entenderem isso creio que irá aparecer muitos geoparques no Brasil, muitos projetos potentes, sei que já há alguns, como o do Seridó^{viii}, que conheço bem. *Creio e quero crer que é só questão de tempo que os geoparques comecem a ser numerosos.* Sobrarbe dispõe de uma realidade muito diferente das zonas do Brasil que já visitei, mas sempre existem coisas que podem ser aproveitadas. Por exemplo, o nosso programa de entidade e empresas colaboradoras que foi replicado no Araripe^{ix}, incluso o desenho da placa é exatamente o mesmo, só modifica o nome do geoparque é que uma está em espanhol e a outra em português. *Mas sempre há ideias que podemos transmitir um aos outros, exemplos de pequenas ações ou grande linhas de trabalho que podem ser utilizados em um ou em outro [geoparque].* Nosso programa de entidades e empresas colaboradoras é especialmente bom e creio que, ademais, é facilmente replicado com pequenas adaptações em, praticamente, qualquer território. Por demais, experiências como a campanha de geoconservação que lançamos recentemente é perfeitamente adaptável a projetos de geoparque aspirantes no Brasil. De outras maneiras, sempre estamos [Geopark Sobrarbe-Pirineos] abertos a iniciar colaborações e a receber visitas, ou mesmo, ir ao Brasil para contar o que estamos fazendo e aprender ao mesmo tempo com o que está sendo feito em outros lugares.

ⁱ A entrevista foi realizada no dia 17 de outubro de 2019, na Comarca de Sobrarbe, Espanha. A entrevista foi concedida e gravada em espanhol, posteriormente, transcrita e traduzida com a anuência do Professor Ánchel Belmonte Ribas.

ⁱⁱ A Rede Global de Geoparques (*Global Network of National Geoparks – GNN*) sob auspício da UNESCO foi instituída no ano de 2004, tendo como base a Rede Europeia de Geoparks. Durante a 38ª Conferência Geral da UNESCO, realizada em 2015, os estados membros da organização aprovaram o Programa *UNESCO Global Geoparks*, e os geoparques mundiais passaram a ter um programa específico da organização, dispondo de suporte direto da mesma, configurando uma das três figuras de proteção UNESCO juntamente com as Reservas da Biosfera e os Patrimônio Mundiais.

ⁱⁱⁱ O Geopark Sobrarbe-Pirineos está inserido na Comunidade Autônoma de Aragão, nordeste da Península Ibérica. A comunidade é dividida em três províncias, Teruel (ao sul), Saragoça (no centro) e Huesca (ao norte). O território do Geopark Sobrarbe-Pirineos compreende a totalidade da Comarca de Sobrarbe, inserida na província de Huesca.

^{iv} A Comarca de Sobrarbe, instituída em 2003, é repartida em dezenove municípios e centenas de vilas, compreendendo uma área de 2.202 km². A população é de 6.854 habitantes. A área da comarca passou por um forte processo de despovoamento entre os anos de 1960 e 1970, resultando no abandono de diversas vilas. Até hoje a área apresenta uma baixa densidade demográfica. (Dados disponíveis no site da Comarca de Sobrarbe).

^v A Comarca de Sobrarbe dispõe de dois Patrimônio Mundiais declarados pela UNESCO. O primeiro bem é o Pirineos-Monte Perdido, declarado patrimônio natural e cultural no ano de 1997. O segundo bem é compreendido por sítios que compõem o patrimônio cultural denominado “Arte rupestre do Arco Mediterrâneo da Península Ibérica”, declarado em 1998. (Dados disponíveis no site da Comarca de Sobrarbe).

^{vi} O Código QR (QR Code) é um código de barras bidimensional que pode ser facilmente escaneado usando a maioria dos telefones celulares equipados com câmera. Esse código é convertido em texto, um endereço URI, um número de telefone, uma localização georreferenciada, um e-mail, um contato ou um SMS. (Informações retiradas da internet).

^{vii} Interjeição bastante utilizada na Espanha, também é presente em língua portuguesa, porém sem a mesma difusão. É utilizada para expressar o desejo que algo aconteça. É sinônimo de “tomara” ou “queira Deus”. A palavra tem origem na expressão árabe *in shaa Allaah*, cujo significado é “se Deus quiser”. (Informações retiradas da internet).

^{viii} O Projeto Geoparque Seridó está situado no semiárido nordestino, região centro-sul do Estado do Rio Grande do Norte. Compreende seis municípios que integravam em 2014 um contingente populacional de 133.220 habitantes. O Projeto Geoparque Seridó teve início no dia 19 de abril de 2010 por meio do desenvolvimento de ações relacionadas ao inventário, avaliação e valorização de locais de interesse geológico (geossítios). (Informações retiradas do site do Projeto Geoparque Seridó).

^{ix} O Geopark Araripe situa-se no sul do Estado do Ceará, na região nordeste do Brasil. O Geopark envolve os municípios de Barbalha, Crato, Juazeiro do Norte, Missão Velha, Nova Olinda e Santana do Cariri, apresentando uma área aproximada de 3.441 km². Em setembro de 2006 foi reconhecido pela Rede Global de Geoparques, sob os auspícios da UNESCO, como o primeiro Geoparque das Américas, durante a 2nd UNESCO *Conference on Geoparks*, que se realizou em Belfast (Irlanda do Norte). (Informações retiradas do site do Geopark Araripe).